Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Quando o busto silencia o herói: a homenagem e a citação como formas de silenciamento. Brasil, 1943

Daniel Faria*

Resumo: Em 1943, Graciliano Ramos foi homenageado num banquete organizado por figuras importantes do meio literário do período. A homenagem resultou num livro, no qual constam os discursos de celebração e a resposta do autor. No mesmo ano, a revista Cultura Política publicou artigo de Wilson Lousada sobre o livro *O Louco do Cati,* de Dyonélio Machado. Os dois autores tinham passado, poucos anos antes, pela experiência do cárcere, a qual é constantemente aludida na homenagem a Graciliano e está no cerne do romance do Dyonélio. Diante destas duas situações, o objetivo deste trabalho é investigar os mecanismos de incorporação tensa de discursos que expunham os nervos do terror estatal a um meio literário tido como homogêneo.

Palavras-chave: Homenagem – violência - literatura.

Abstract: In 1943, Graciliano Ramos was homaged by important writers of that period. The homage resulted in a book, in which we can find the speeches of celebration and the reply the author offered to them. In the same year, the magazine Culture Politics published an article of Wilson Lousada on the book *O Louco do Cati*, by Dyonélio Machado. The two authors had past, few years before, for the experience of the jail, which constantly is alluded in the homage the Graciliano and is the main theme of the romance. Beside of these two situations, the scope of this work is to investigate the mechanisms of tense incorporation of speeches that discussed the State terror, in a literary life represented as homogeneous.

Keywords: Homage – violence - literature.

O conto de Murilo Rubião *D. José não era* é exposição condensada de uma dinâmica de invenção do herói recorrente na história. Uma pequena cidade cai em alvoroço após súbita explosão, seus habitantes, porém, tranqüilizam-se ao elaborarem uma explicação para o evento: D. José estaria matando a esposa à dinamite. O acontecimento que implodira o cotidiano era domado pela teoria insana, mas coerente. Após a acusação feita a D. José, o conto toma a forma de inquérito, num diálogo entre narrador e população, no qual as explicações dadas para a estigmatização de D. José vão sendo, uma a uma, desmentidas. Sua esposa não estava morta e o barulho das explosões se devia a fogos de artifício. A população

* Daniel Faria. Pós-doutorando, Departamento de História Unicamp. (Pesquisa financiada pela FAPESP).

persistia, contudo, na lógica que a ensinara a domar o imprevisível: D. José não matou a esposa mas ainda a mataria

D. José acabou se suicidando. Após sua morte houve uma reviravolta, pois surgiram os defensores de sua memória. Estes conseguiram, por fim, erigir uma estátua ao herói, afirmando que o D. de seu nome era título de nobreza, Dom José seria um nobre espanhol. Mas o narrador esclarece: trata-se da última mentira, D. José era um pobre-diabo chamado Danilo José Rodrigues. O título do conto induz o leitor a ler o D. como Dom desde o início. Em que pese a advertência implícita no uso incomum do verbo ser no modo intransitivo, o leitor participa da armadilha da memória: Dom José imortalizado por aquilo que nunca foi.

O conto tem convergências com questões relativas à vida de Graciliano Ramos após a libertação do cárcere. A inexistência de processo e a desproporção entre a atuação política do escritor e o peso do castigo sofrido expressavam o delírio da perseguição política. Isto muito simplesmente porque o terror estatal não trabalhava com o senso de proporção. Ou seja, no ambiente de terror, nenhuma responsabilidade é mensurável, nos parâmetros utilitaristas da lógica disciplinar.

Por outro lado, um dos dilemas apresentados por Graciliano após sua libertação, foi o de como falar sobre o cárcere. Em primeiro lugar, por uma razão narrativa: no cárcere, o autor vivenciara realidades inverossímeis: como transmiti-las a leitores sensatos? Mas também, aduziu o Graciliano Ramos ficcionalizado por Silviano Santiago, porque o lugar da vítima homenageada, o culto à morte instaurado para as presas aleatórias do terror policial estabelece para o escritor o incômodo título de mártir. Ele acaba se tornando figura da celebração à morte, condenado à prisão mesmo após a libertação (o que inclui a perspectiva da imortalidade encarcerada).

Se há um texto em que as tensões entre homenageado e homenagem, estigmatização e vitimização apareceram com clareza no âmbito do terror político daqueles anos, trata-se de livro publicado em 1943, *Homenagem a Graciliano Ramos*. Ali foram apresentados textos referentes ao jantar em que o Prêmio da Sociedade Filipe de Oliveira foi entregue ao escritor, com a presença da nata intelectual (os organizadores do evento foram Augusto Frederico Schmidt, Otávio Tarquínio de Sousa, Álvaro Lins, José Lins do Rego, José Olímpio, Francisco de Assis Barbosa).

Um dos textos, "Considerações em torno de um jantar", descreve o evento, num cunho jornalístico. O autor, José César Borba, falou sobre o mal-estar de Graciliano ao ser o centro das atenções (durante o jantar as pessoas o "devoravam" com os olhos). Expressão que

por si só remetia à incorporação violenta da presença incômoda do ex-preso político, reforçada pelo detalhe "pitoresco" dos pratos oferecidos, como o Peru à Angústia. Ainda de acordo com José César Borba, o jantar seria uma "arca de noé de bichos inimigos", uma vez que estavam presentes intelectuais das mais variadas correntes políticas.

O artigo parece perseguir o riso fácil do pitoresco, mas o recurso à animalização dos presentes e a futilidade estabelecida para os textos literários como adendos ao cardápio dão à descrição um teor grotesco. O banquete seria uma tentativa mal dissimulada de se dissipar a perturbação ocasionada pela violência política e por conflitos literários sem possibilidade de conciliação. E isso, inclusive, torna difícil sabermos até que ponto estamos diante de um texto sarcástico ou se a ingenuidade da descrição revela o grotesco do jantar. Ambigüidade significativa quando se trata de pensarmos as estratégias de incorporação do inimigo, por meio da celebração de seu exotismo. A escolha de Augusto Frederico Schmidt como responsável pelo discurso de abertura também foi destacada. Ainda seguindo José César Borba, isto deveria ser entendido como congraçamento entre rivais, afinal Schmidt já era reconhecido como escritor relacionado aos círculos católicos conservadores. No discurso de abertura, novamente surgiu o riso fácil: Schimdt começou com uma piada sobre um paradoxo: ele gordo e bem falante elogiando o homem seco e silencioso. A marca de oralidade presente no texto permite ainda que imaginemos o orador dirigindo o olhar a Graciliano, na mudança para a observação séria de que todos estavam ali em homenagem "a você, que tem sido tão duramente incompreendido." (SCHMIDT: 1943, p. 10)

Schmidt prosseguiu: "pediram-me que falasse em nome de muitos a um homem solitário e que a vida provou, não raro amargamente." Desde o início, a violência sofrida por Graciliano foi comentada. Mas de o modo a se permitir que a presença incômoda fosse domesticada. Afinal, quem submeteu o escritor alagoano a toda sorte de sofrimentos teria sido a própria vida, ou seja, todos e ninguém. Schmidt habilmente transformava a luta política num mistério agindo sobre a vida, um destino.

Apresentados como "destino", os horrores passados no campo de concentração[1] da Ilha Grande por Graciliano podiam ser então inscritos na lógica do martírio. O jantar provaria a redenção, pois seria o momento de os intelectuais brasileiros mostrarem a Graciliano que ele tinha uma existência realizada plenamente: "Graças mesmo a esses sofrimentos que a vida, sem economia, lhe proporcionou (...) até essa injustiça suprema de lhe

[1] A Colônia Correcional de Dois Rios, no período, não funcionava segundo a lógica disciplinar. Seus internos, como eram informados logo na chegada ao lugar, não iam para lá com fins punitivos ou corretivos, ao contrário, tratava-se de um lugar em que o direito à vida era suspenso.

tirarem a liberdade sem motivo, por um período certamente fecundo para a sua experiência de romancista". (SCHMIDT: 1943, p. 11)

Segundo Schmidt, o sofrimento do autor teria implicação na glória de revelar ao país o sofrimento de muitos seres, literariamente. A literatura de Graciliano revelaria a presença das vidas secas em luta contra a natureza e os homens cruéis. Seria ainda uma literatura cheia de piedade, mesmo que "estrangulada". Assim, no mesmo passo em que o homenageado era absorvido (e absolvido), seus livros, que giravam em torno da violência e da tirania eram aplacados. Visando-se ao romancista, visava-se também à sua literatura.

> *Você não é um cético, você não é um romancista acima das suas criaturas; ao contrário: você participa da tragédia, da pobreza, das humilhações que as suas personagens sofrem e suportam. Sua piedade, Graciliano Ramos, está em que no sangue e na carne das suas criaturas, em que no rancor, e mesmo na crueldade de suas criaturas, há muito do seu próprio sangue.da sua própria carne, do seu rancor e da sua crueldade.* (SCHMIDT: 1943, p. 15)

Tratava-se ainda do destino cruel reservado à "gente nordestina", num segundo tipo de negação do conflito pela via da naturalização das relações políticas. Com todos esses aspectos, o sofrimento que redimiu, os azares do destino, a natureza ríspida, o jantar só poderia mesmo ser (na percepção católica) a celebração do triunfo. Então Schmidt deu o golpe final, propondo que aquela noite marcasse o entendimento entre os que escreviam separados pelo ódio ideológico. Mas sem deixar de atentar para os perigos políticos do momento, uma vez que os "inimigos da liberdade" ainda queriam acabar com as últimas réstias de luz no fim do túnel da civilização. Como o autor não disse quem eram os tais inimigos (comunistas, nazistas ou Estado Novo), sua mensagem final era clara, mas vazia . A réstia de luz poderia ser a mesma encontrada por Graciliano no Navio Manaus: uma treva luminosa.

Graciliano Ramos discursou em seguida, de início desculpando-se por não saber ser orador. Nas primeiras palavras, o escritor assumiu a face do injustiçado mesmo que "esmagado pelos elogios". Esta situação que permitiria o encontro com as palavras de Schmidt, contudo, era, nas palavras de Graciliano, de isolamento. A homenagem era tão indevida quanto a prisão. A desproporção observada no horror do cárcere se reproduzia no banquete em homenagem ao escritor, em fase de canonização.

Não menos que em Schmidt, algumas expressões usadas por Graciliano dirimiam o fundo político da situação. Ao rever sua vida, e falar de sua carreira como romancista como algo não planejado (segundo o escritor, suas publicações sempre se deveram à insistência de terceiros), Graciliano discutia sua chegada ao Rio de Janeiro, anos antes, como um acidente

entre outros. Em suas palavras: “Os acontecimentos forçaram-me a deslocações imprevistas”. Sem planejamento (mais ainda, *contra a vontade*), o escritor teria se mudado ao Rio de Janeiro, lugar de seu reconhecimento. Os acontecimentos de sua vida eram efeitos de jogos de poder que escapavam ao seu controle. O homenageado não teria, então, propriamente méritos que justificassem o banquete.

A tensão estabelecida entre o discurso do homenageador e o do escritor comemorado dizia respeito ao estatuto do papel do destino na eleição do bode expiatório. A noção de destino era negada pelo discurso de Graciliano. Ao contrário, tratava-se de uma seqüência de acidentes não definidos por forças impessoais da natureza, mas sim pelo poder discricionário de prender, soltar ou matar atribuído ao Estado policial daqueles anos. Que o fenômeno não dizia respeito a qualquer estatuto de vítima predestinada, era reforçado no discurso de Graciliano pela comparação às trajetórias de Otto Maria Carpeaux e Paulo Rónai, alvos do mesmo tipo de ferocidade, implicada no rompimento na lógica dos projetos de construção do Estado Total.

Sem pagar passagem, Graciliano teria ido de Maceió ao Rio de Janeiro. Ainda neste mesmo tom, o discurso prosseguia num veio irônico, ao qual nem mesmo o próprio Graciliano escapava. Em frases como: “deram-nos um longo repouso – quase espiritual – e isto muito contribuiu para melhorar nossos costumes” (RAMOS: 1943, p. 24); ou na constatação de que, após a libertação, a única opção de sobrevivência teria sido seguir a profissão de literato (inclusive nas colaborações com a revista *Cultura Política*), Graciliano se representava como “desgraçada marionete”. Se isto funcionava como álibi para a própria consagração e para a colaboração, mesmo que discreta e não ideológica, à produção cultural do Estado Novo, neste mesmo passo Graciliano rompia a tópica do martírio, tão cara à tradição política autoritária.

Se o motivo da homenagem era estritamente literário, Graciliano afirmava não se responsabilizar pelos efeitos contraditórios de suas narrativas. Isto porque, em suas palavras, se os críticos consideravam seus romances perversos e imorais quando ainda preso, e naquele momento o tratavam com generosidade, os dois momentos eram igualmente incompreensíveis. Não sendo o mérito dele, o escritor atribuiu então o sucesso a alguns de seus personagens, como Paulo Honório, Fabiano e Luiz da Silva. Traduzindo: o proprietário brutal, o retirante quase afásico, o intelectual frustrado e assassino. Figuras para as quais ele teria funcionado como mero “aparelho registrador”.

Ao encerrar o discurso, Graciliano se perguntou: “Acertei? Se acertei, todo o constrangimento desaparecerá. Associo-me aos senhores numa demonstração de solidariedade

a todos os infelizes, que povoam a terra." (RAMOS: 1943, p. 30). Tanto quanto o discurso de Schmidt e o direito de resposta que então se concluía, esta frase era ambígua. A que constrangimento o texto remetia? Ao do escritor em homenagem? Ao "destino" reservado a pessoas como ele mesmo, Paulo Rónai e Otto Maria Carpeaux? Constanger pode significar tanto o incômodo moral do homenageado que se sente "docemente constrangido" quanto a violência concreta do cárcere. A associação com os homenageadores em nome dos infelizes, após palavras que recusavam a homenagem, podia funcionar como um apelo à conciliação e uma última ironia contra a mesma pretensão.

Num artigo publicado recentemente, discuti como o local de origem do mito *Makunaima*, usado por Mário de Andrade para a invenção de seu "herói de nossa gente", tem uma história de violência, desde as guerras coloniais até os momentos de constituição da fronteira nacional (FARIA: 2006, p. 263-281). O paradoxal é o fato de a rapsódia muitas vezes entendida como alegoria da nação não-violenta ter como foco um lugar tão conflituoso como o norte de Roraima. Isso vem ao caso porque não estamos diante, novamente, do simples silenciamento daquilo que poderia ser considerado "o outro" do projeto nacional. Ao contrário, essa diferença foi incorporada ao discurso. Fala-se da guerra, mas para que os mortos se associem aos vencedores no mito do país pacífico. Schmidt não escondeu o fato de Graciliano ter sido preso político, mas tentou fazer com que este caso falasse de modo não perturbador. O Estado seria agente do "destino", ou então metamorfoseado numa "força da natureza", o inimigo político, por sua vez, seria a vítima infeliz do martírio.

Por isso encerremos este texto com outro caso desconcertante. O romance de Dyonélio Machado *O Louco do Cati*, provavelmente o texto literário que enfrentou mais explicitamente a questão do terror estatal da chamada Era Vargas, mereceu alentada crítica na revista *Cultura Política*. Sob a autoria de Wilson Lousada, colaborador assíduo da revista, a crítica a *O Louco do Cati* não era elogiosa. O protagonista do romance, o louco, seria uma figura mal construída. Nas palavras do crítico, tratava-se do personagem "menos nítido" do livro. Mas mesmo que em sinal de reprovação, a observação de Lousada incorporava um dos aspectos que realmente se destacam no romance de Dyonelio Machado. O louco raramente fala por si mesmo, dele não se sabe a história pessoal, as opiniões etc. O louco funciona mais como uma espécie de marionete muda (o livro relata suas viagens, que incluem uma passagem pela prisão). Uma obsessão caracteriza sua loucura: em todos os lugares o louco julga rever o Cati. Com as informações dispersas no romance, o leitor vai percebendo que o Cati era um reduto policial, no sul do Brasil, dedicado à tortura. Mas estes aspectos não são comentados na crítica.

Mais preocupado com a intriga, esperando que a narrativa de viagens viesse recheada de aventuras, Lousada chegou a dizer que o louco era personagem dispensável à economia do livro. Aludindo à possibilidade de o médico Dyonélio Machado ter aproveitado um de seus casos clínicos para compor a trama, o crítico discutiu o romance como a descrição de um caso patológico. O louco seria então um daqueles anormais escolhidos aleatoriamente pelo destino, um caso psiquiátrico congênito. Os personagens, porém, não se fixariam na memória do leitor, nos termos do crítico. Observe-se que "fixar" o mundo narrado na mente do leitor fazia parte do jargão crítico da época, orientado por critérios estéticos naturalistas. Nestes, o mundo narrado tinha que corresponder às expectativas de bom senso do leitor, com personagens densos. O louco do Cati era, nessa perspectiva, inverossímil. Ao que poderíamos somar: real e inverossímil.

Do ponto de vista discursivo, o texto de Dyonelio seria vulgar, mal escrito, cheio de cacoetes. Ou ainda:

> *Em pura perda, aliás, pois bem sentimos que se trata, no caso, de recurso de carpintaria pela dificuldade que o romancista encontrou em trabalhar quase exclusivamente com a trabalhar quase exclusivamente com a nelio Machado preferiu o método da psicologia indireta, analisando e descrevendo, em lugar de expor a personalidade do louco através de suas próprias ações e palavras.* (LOUSADA: 1942, p. 327).

Importante destacar: a passagem aqui foi citada literalmente. De todos os textos de *Cultura Política* consultados nesta pesquisa (não foram poucos), este é o único em que se encontra um erro de impressão. Como se a revista gaguejasse ao tentar incorporar o tema, ou como se a censura implícita no silenciamento frente ao assunto explícitamente tratado pelo livro retornasse. Afinal, qual seria a dificuldade enfrentada pelo romancista e apagada pela impressão? Seria ela paralela à dificuldade enfrentada pelo crítico? Ao incorporar *O Louco do Cati* a seu acervo, *Cultura Política* estaria dando mais uma demonstração de sua vocação universalista, da ausência de preconceitos na convocação a letrados de todas as correntes ideológicas para a colaboração na construção do Brasil Novo. A parte suprimida do texto poderia levar alguém a pensar num tipo de conspiração do destino, mas para a conclusão deste texto o importante é observar que estamos diante do retorno do silenciado contra a pretensão de que tudo o que pode ser dito brotaria da voz absoluta do Poder que celebra suas vítimas.

Referências bibliográficas:

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**. O poder soberano e a vida nua 1. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BORBA, José César. *Considerações em torno de um jantar*. In: **Homenagem a Graciliano Ramos***,* Rio de Janeiro, Alba, 1943, p. 97-104.

CANCELLI, Elizabeth. **O mundo da violência**. A polícia da Era Vargas. Brasília: EdUnB, 1993.

FARIA, Daniel. *Makunaima e Macunaíma: entre natureza e história*. In: **Revista Brasileira de História***,* vol 26, n 51, jan-jun 2006, p. 263-281.

LOUSADA, Wilson. *Literatura de ficção*. In: **Cultura Política**, ano 2, n 18, agosto de 1942, p. 326-327.

MACHADO, Dyonelio. **O Louco do Cati**. Porto Alegre: Globo, 1942.

RUBIÃO, Murilo. *D. José não era*. In: **Contos reunidos**. São Paulo: Ática, 1998, p. 125-128.

RAMOS, Graciliano. *Discurso de Graciliano Ramos*. In: **Homenagem a Graciliano Ramos***,* Rio de Janeiro, Alba, 1943, p. 19-30

_____. **Memórias do Cárcere**. São Paulo: Livraria Martins, 1960.

SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SCHMIDT, Augusto Frederico. *Discurso de Augusto Frederico Schmidt*. In: **Homenagem a Graciliano Ramos***,* Rio de Janeiro, Alba, 1943, p. 10-18.